

**EBM. RECIDE****E-Balonmano.com: Revista de Ciencias del Deporte***E-balonmano.com: Journal of Sport Science* / ISSN: 1885-7019

Abrev: Ebm. Recide / Ebm. JSS

Año: 2015 / Vol: 11

## O POTENCIAL DAS ATIVIDADES FÍSICAS DE AVENTURA NA NATUREZA: AS CONTRIBUIÇÕES PARA O MEIO AMBIENTE

Costa, Alcides Vieira<sup>1</sup>; Reppold Filho, Alberto Reinaldo<sup>2</sup>

Recibido: 25/04/2015

Aceptado: 25/05/2015

<sup>1</sup> Universidade Lusíada de Lisboa, Mail: [alcides.costa@edu.ulusiada.pt](mailto:alcides.costa@edu.ulusiada.pt)<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Mail: [areppold@portoweb.com.br](mailto:areppold@portoweb.com.br)

Correspondencia:

Mail: [alcides.costa@edu.ulusiada.pt](mailto:alcides.costa@edu.ulusiada.pt)

### Introdução

O desenvolvimento das Atividades Físicas de Aventura na Natureza (AFAN) é um tema que vem sendo discutido e estudado há muitos anos em diversos setores da sociedade. Segundo Straker (2014), na Nova Zelândia, há mais de 150 anos são estudadas questões ligadas às AFAN. Uma das abordagens ao tema é a que se refere à necessidade de análise das contribuições que estas atividades trazem aos praticantes, à sociedade, às comunidades locais, à economia, ao turismo e ao meio ambiente. Segundo Costa (2006), as contribuições ligadas à realização das AFAN são diversas e de grande importância. Tem-se como exemplo: a revitalização demográfica, económica e social de zonas rurais; a possibilidade de se viver intensamente o tempo livre; o retorno à natureza associado à conscientização sobre o problema da degradação ambiental; e a viabilização de relações sociais gratificantes. Entretanto, existem impactos ambientais negativos preocupantes, já que algumas AFAN podem degradar o meio ambiente sem o controle dos entes oficiais ou dos responsáveis pelas atividades (Willis (2002), Marshall (2003) e Machado (2005)).

Ciente desta questão, surge necessidade de estabelecer as contribuições das AFAN para o meio ambiente.

### Objetivo

Estabelecer as contribuições das atividades físicas de aventura na natureza para o meio ambiente.

### Método

O presente estudo é uma pesquisa exploratória de cunho qualitativo que triangulou informações de documentos, entrevistas semiestruturadas e observações. Os documentos consistiram de diretrizes, programas e planos sobre as características geográficas e sócio-ambientais dos locais de prática na cidade de Porto Alegre, Brasil. As entrevistas, em um total de 29, foram realizadas com representantes do poder público, federações desportivas, organizações não-governamentais, docentes de instituições de ensino superior, empresários do setor e instrutores de AFAN. As observações, no total de 8, aconteceram em regiões com características geográficas com potencial para a prática destas atividades. Os resultados foram apresentados em uma perspectiva transversal e em relação a cada uma das 14 modalidades integradas no estudo: asa delta, parapente, *mountain bike*, escalada, *trekking*, rapel, orientação, atividades equestres, canoagem, *rafting*, *duck*, vela, *kitesurf* e *windsurf*.

## Resultados e discussão

Os resultados indicam que as AFAN podem trazer diversas contribuições para o meio ambiente caso geridas adequadamente. Em uma perspectiva transversal, estas atividades podem contribuir para a manutenção e preservação dos ambientes naturais, e quando associadas a intervenções pedagógicas em educação ambiental podem gerar um processo de aprendizagem sobre o meio ambiente estimulando uma maior consciência ambiental.

Quanto às especificidades de cada modalidade, os resultados indicam que no voo livre (asa delta e parapente) os praticantes tornam-se preservadores devido ao contato direto com a natureza. No *mountain bike* os ciclistas aprendem muito sobre ecologia e educação ambiental e partilham uma cultura de preservação ambiental. Na escalada, no *trekking* e no rapel os praticantes se tornam os responsáveis pelo manejo das trilhas utilizadas com mais frequência, contribuindo para a sustentabilidade dos locais de prática. A orientação possibilita que os praticantes vejam os impactos ambientais negativos gerados pela presença humana nos ambientes naturais. As contribuições para o meio ambiente trazidas pelas atividades equestres estão ligadas à possibilidade de contato das pessoas com a natureza e com os animais. A prática da canoagem, do rafting e do *duck*, devido ao contato direto com a água, ajuda a sensibilizar os praticantes quanto à necessidade de preservação dos ambientes naturais, motivando-os a buscar alternativas de diminuição do quadro de degradação das águas. Na vela os praticantes procuram manter limpos os locais de prática e até mesmo reverter o quadro de degradação ambiental de certos ambientes aquáticos. No *kitesurf* e *windsurf* os praticantes são defensores da preservação das águas e das praias, disseminando a preocupação com o meio ambiente.

## Conclusões

A partir do estudo apresentado pode-se concluir que a prática das AFAN, desde que devidamente orientada, gera uma maior conscientização ecológica devido ao contato direto com os ambientes naturais, atua na fiscalização de degradações ambientais e, muitas vezes, colabora na reversão do quadro de degradação de certos ambientes naturais. Entretanto, para que as contribuições ao meio ambiente sejam efetivas é necessário que ocorram intervenções pedagógicas em educação ambiental em todas as atividades.

## Referências

- Costa, A. V. (2006). *O potencial das atividades físicas de aventura na natureza em porto alegre: um estudo integrado dos critérios de adequação do local, da infra-estrutura, das contribuições sócio-ambientais e dos riscos*. Tese de mestrado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil.
- Marshall, K. (2003). *New Zealand's walkways*. Wellington: New Zealand Conservation Authority.
- Machado, A. (2005). *Ecoturismo um produto viável: a experiência do Rio Grande do Sul*. Rio de Janeiro: SENAC.
- Straker, J. (2014). *Meanings of 'the outdoors': Shaping outdoor education in Aotearoa New Zealand*. Tese de doutoramento não publicada. University of Waikato, Nova Zelândia.
- Willis M. (2002). Who has the right to recreate? User conflict in the outdoors. *New Zealand Journal of Outdoor Education*, Dunedin, v.1 , n. 1, p. 60-67.